



EDIÇÃO 2022 | Nº 04

AMPLIE  
CINEMA

# Q U E S T I O N Á R I O

Muito prazer! Nós somos a Revista Amplie! Somos um grupo de estudantes da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais. A Amplie nasceu da vontade de quatro mulheres para colocar em prática os conhecimentos obtidos no curso de jornalismo, produzindo um espaço de aprendizado com conteúdos relevantes.

Agora a equipe cresceu ainda mais e conta com diversas pessoas que cuidam de todo o processo de produção da revista. Nós da Revista Amplie pretendemos abordar temas diversos, sempre com o objetivo de abrir horizontes para o leitor. Queremos que a informação consumida seja capaz de conscientizar a sociedade e gerar indagações através daquilo que acontece ao nosso redor, já que estamos em constante mudança.

A informação é uma ferramenta poderosa e, quando transmitida conscientemente, é capaz de mudar o mundo.

## OSCARS 2022

Confira quem levou a estatueta pra casa:



Imagem: reprodução da internet

**Will Smith**  
**"Melhor Ator"**



Imagem: reprodução da internet

**Coda**  
**"Melhor Filme"**



Imagem: Reprodução da internet

**Jessica Chastain**  
**"Melhor Atriz"**





# SUMÁRIO

O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonhos.

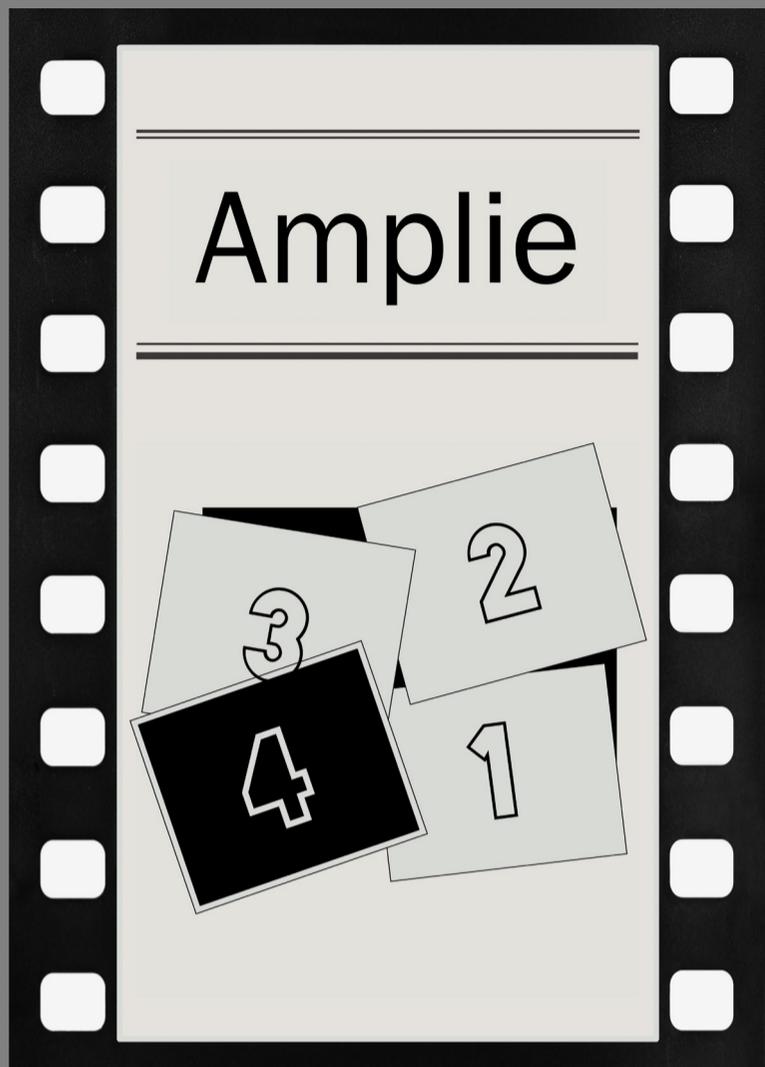
-ORSON WELLES

Introdução	04
Moda	08
Opinião	12
Gastronomia	16
Entrevista	20
Mural de Fotos	26

30	Relatos
34	Tecnologia
38	Saiba Mais
40	Cultura
42	Falando em Números
44	Amplie Indica
46	Expediente

...ed  
...ets  
...mes  
...milk-  
...poul-  
...one be-  
...He pre-  
...eads him by  
...ellow as needs  
...in danger than a  
...can clear any thing, but  
...he esteems himself prosper-  
...going to the dogs. He delights  
...er's stakes, but takes care not to  
...hunter. He praises discretion, but  
...rather let the cat out of the bag than a  
...To conclude, he runs as long as he can,  
...and then goes to earth, and his heir is in at his  
...beath. But his heir does not stand in his  
...shoes, for he never wore any thing but boots.  
[Hood's comic Annual.

*Indian Eloquence.* A writer in the New-York Mirror, gives this lament of an Indian Warrior of the Yamassee tribe over the graves of his fathers and the recollections and affections of his youth. It is "the majesty of grief without its weakness."



EM ALTA

INFORMAÇÃO

ENTRETENIMENTO

L

100 MIN

Amplie é uma revista determinada que está sempre em busca de inovações. Um dia ela reuniu uma equipe incrível, capaz de criar conteúdos que abrangem diversas temáticas de forma criativa, leve e informativa.

Em busca de muita qualidade, ela é capaz de trabalhar e se divertir muito durante o processo de produção!

**Nome original**

Amplie

**Elenco**

Ampliers  
Leitores(as)

**Dirigido por**

Ampliers

**País de origem**

Brasil, Viçosa

**HOJE**  
16/07

17/07

18/07

★ CINEMA

FILTRAR SESSÕES

- 2D
- 3D
- DUB
- LEG

PROGRAMAÇÃO

[Retirada](#) [Assentos](#) [Preços](#)

Sala 1

2D

DUB

17:20

20:10

Sala 2

2D

LEG

19:10

21:00

Sala 3

3D

LEG

19:30

22:00



# Sua compra foi concluída!

Mostre este ingresso na entrada da sessão.

**Código de busca**  
**B4625RFFL8**



**AMPLIE**



Sessão **16/07 17:20** **DUBLADO** **2D**

Sala	Assentos
<b>Sala 1</b>	<b>L16</b>

---

Ingressos	Tipos de ingressos
<b>1</b>	<b>MEIA</b>



SUA SES  
VAI CON



# Cruella

## Um filme para os amantes de moda

**Por Luara Miranda**

A sétima arte tem o poder de exercer um fascínio inexplicável no imaginário do público. Não somente pelos enredos dramáticos, cômicos ou assustadores, mas também pela construção dos figurinos de cada personagem presente na trama.

A escolha de cores, recortes e a junção de diferentes peças têm a capacidade de introduzir o contexto-histórico do filme e a personalidade de um personagem sem o uso de palavras.

Roupas dramáticas, chapéus e peças nos tons de roxo, vermelho e preto são fortemente associados aos vilões. E cores como o amarelo, verde e azul são relacionadas aos "mocinhos".

A construção dos figurinos e a escolha das peças é tão importante para o sucesso de um filme que a categoria "Melhor Figurino" está entre as mais importantes no Oscar. Essa categoria avalia a originalidade e a criatividade de cada peça produzida pelo figurinista e sua equipe.

Foi por se encaixar perfeitamente nesses critérios que o filme Cruella, estrelado por Emma Stone, levou a estatueta de melhor figurino no Oscar de 2022. O live-action da Disney conta a história

101 Dálmatas, Cruella de Vil.

A protagonista da obra é uma mulher órfã, excêntrica e extravagante, com um imenso talento para desenhar roupas. A trama remonta a Londres de 1970 e revive a efervescente cena punk que tomava conta da região nesse período. O filme acompanha a ascensão de Estella como designer, e os figurinos ajudam a mostrar a evolução da jovem ambiciosa até se tornar Cruella, a vilã.

A figurinista inglesa Jenny Beavan, responsável pelo filme, buscou referências em estilistas renomados como Alexander McQueen, John Galliano e a icônica rainha da moda punk, Vivienne Westwood, para criar os looks da Cruella.

O trabalho árduo de Jenny e sua equipe fica explícito ao se observar a

Imagem: 101 Dálmatas (Disney, 1961)



# “Eu não sou estilista. Eu uso roupas para contar histórias.”

Jenny Beavan, Figurinista do filme Cruella

complexidade das peças, principalmente os vestidos de gala usados ao longo da trama. Num único modelo, foram usados 383 metros de organza para produzir mais de 5 mil pétalas e, ao todo, foram criados mais de 200 figurinos para o filme. Vale a pena citar que a antagonista, Baronesa, usa peças inspiradas no final dos anos 50, nos itens luxuosos da Dior e nos conceitos da Vogue.

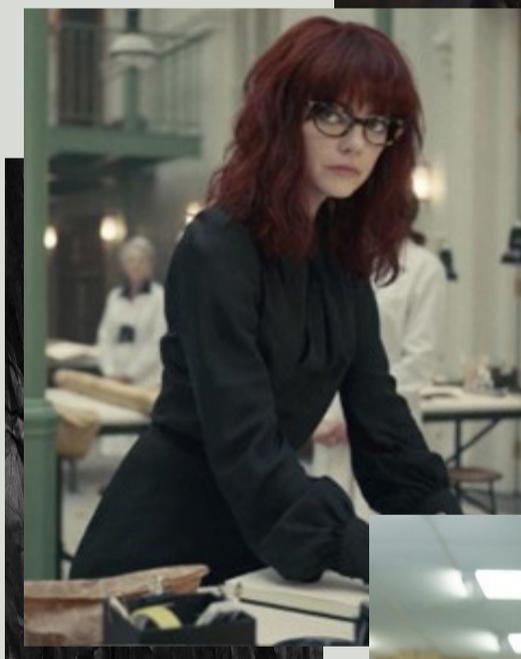
É possível perceber a transição entre Estella e Cruella de forma clara ao observar os diferentes figurinos da protagonista ao longo da trama. A roupa de trabalho, por exemplo, é minimalista, e mostra que Estella ainda está na sombra da Baronesa. O conjunto das peças não apresenta nada de extravagante, justamente para não chamar atenção.

Em contrapartida, o Vestido de Pétalas, os looks de motoqueira produzidos em couro, e o vestido flamejante mostram o poder do alter ego Cruella, revelando seu lado mais obscuro e vingativo.

A trama que faturou cerca de US\$ 200 milhões em bilheterias ao redor do globo, trouxe diversas referências da clássica animação de 101 Dálmatas e constrói a personagem da vilã, Cruella, de forma completa e complexa, mesclando seu espírito vingativo e traiçoeiro ao seu lado genial e criativo. Além de ter uma história focada diretamente no mundo fashion, esse live-action lembrou os telespectadores do potencial criativo da Disney, pois trouxe uma releitura carismática e criativa da clássica vilã dos desenhos.



Imagens: Filme Cruella, Disney



*O Grande Gatsby*  
ganhador do Oscar  
de Melhor Figurino

# Vestindo a cena



Foto - Reprodução Internet

## Por Thais Valentim

A moda é, acima de tudo, uma forma de expressão. Os humanos, há milênios, transformaram algo necessário em uma forma de demonstrar individualidade. Mostramos nossa personalidade por meio das roupas, sem precisar falar uma única palavra. E não, você não consegue fugir dessa. Não importa o quanto você não se importe com o que veste, suas roupas transmitem uma mensagem a todos que te veem, seja ela intencional ou não. Essa natureza da moda a torna um elemento de extrema importância no cinema, um aspecto visual que oferece suporte ao desenvolvimento das narrativas.

Com a caracterização, conseguimos ter uma noção imediata sobre os personagens que aparecem na tela, antes mesmo de diálogos ou narração. O figurino é uma peça chave para a criação da atmosfera do filme. Onde se passa a narrativa? Qual é a condição econômica e emocional do personagem? O espectador pode não saber sobre a história da moda ou a simbologia das cores, mas seu subconsciente fará o trabalho de transportá-lo para a história sendo contada.

Além da essência da pessoa retratada, as roupas são usadas como uma demonstração visual da evolução, ou derrocada do personagem. O vestido que Carrie, protagonista do filme homônimo, faz para o baile escolar é a materialização de seu desenvolvimento ao longo da trama. A garota excluída pelos colegas usava roupas modestas no início do filme, mas ao ser convidada para o evento, enxerga uma possibilidade e decide afrontar sua mãe abusiva, ao usar um vestido que ela não aprovaria.

O figurino também auxilia na representação de épocas passadas. O “Grande Gatsby” pode não ser o melhor exemplo de fidelidade histórica quando o assunto é moda – os vestidos da década de 1920 tinham a cintura muito mais baixa, e a silhueta muito mais retangular –, mas isso não o impediu de ser o vencedor do Oscar de melhor figurino em 2013. Existe uma explicação: as roupas do filme refletem as mudanças sociais da época, assim como o glamour e a prosperidade dos “Loucos Anos 20”. É possível traçar um paralelo entre o figurino e a trilha sonora da obra. “A Little Party Never Killed Nobody” não

seria composta no começo do século XX, com seu caráter eletrônico e pitadas de “hip-hop”, mas se encaixa perfeitamente na produção, criando uma atmosfera festiva e eufórica, assim como os vestidos, que recriam a época com foco nas audiências atuais, perdendo a exatidão histórica, mas não a identidade dos personagens e a simbologia que o filme pretende alcançar. A indústria cinematográfica também influenciou a moda fora das telas, desde Audrey Hepburn consolidando o pretinho básico

como peça essencial no guarda roupa feminino, ao vestir “Givenchy” no filme “Bonequinha de Luxo”, até os dias de hoje, com Kristen Stewart sendo a primeira pessoa a usar shorts na cerimônia do Oscar, resultado de sua parceria com “Chanel”.

Apesar da relação entre cinema e moda às vezes passar despercebida aos olhos desatentos, essas duas manifestações sempre foram de grande relevância para o mundo do entretenimento e da arte, e, sem dúvidas, continuarão caminhando juntas.

# Figurinos

*“A moda é, acima de tudo, uma forma de expressão.”*



Sissy Spacek em Carrie, a Estranha

Foto: Reprodução Internet



Carey Mulligan em O Grande Gatsby

Foto: Reprodução Internet



Audrey Hepburn em Bonequinha de Luxo

Foto: Reprodução Internet

# Medida Perdurável

"Medida Provisória", longa metragem em que Lázaro Ramos estreia como diretor, mistura choro e riso numa emocionante mensagem de resistência.

**Por Maria Júlia Lizaldo**

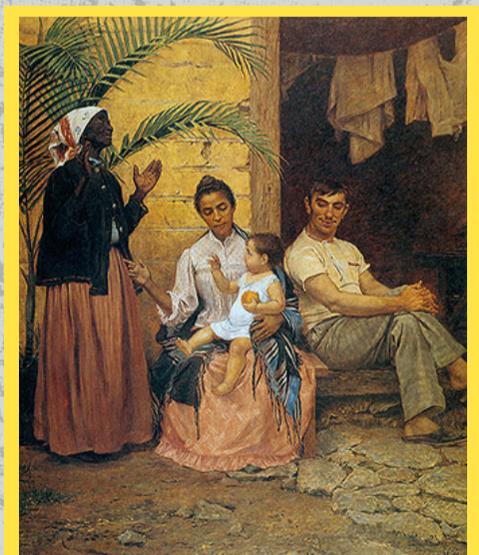
"Em um futuro próximo distópico no Brasil, um governo autoritário ordena que os cidadãos afrodescendentes se mudem para a África, criando caos, protestos e um movimento de resistência clandestino que inspira a nação. Dá pra imaginar?! Não? Lázaro Ramos "bota o bloco na rua" para passar a mensagem. Ator, escritor, produtor e agora diretor mostra, mais uma vez, sua genialidade no filme, que é baseado na peça "Namíbia, não!" de Aldri Anunciação.

Nesse cenário, há um contexto histórico que precisa ser lembrado: escravidão de povos africanos. Inúmeros navios negreiros atravessaram o Atlântico carregando em seus "tumbeiros" negros vindos da África em situação de escravidão. Vidas, histórias, famílias, amores, terra deixados para trás por conta do sonho branco de um "Novo Mundo". Ferida aberta constante na história do Brasil. "Será que a gente está acontecendo?" é a pergunta que emerge entre o racismo camuflado e a medida

provisória, apresentada de início como um meio de "reparação histórica" e logo decretada, tornando-se uma perseguição explícita aos cidadãos de "melanina acentuada". Quão distópico?

Vale ressaltar que a política de branqueamento era uma realidade no Brasil. Essa ideologia era financiada pelo governo e amplamente aceita no país entre 1889 e 1914, como resposta para o "excesso de negros". Uma política pela qual se acreditava que a raça negra iria desaparecer totalmente, dentro de várias gerações de miscigenação. Nesse

sentido, a pintura "A Redenção de Cam", de Modesto Brocos, ilustra tal pensamento com a figura da avó preta rendendo graças aos céus pelo neto nascido de pele clara.



A Redenção de Cam, 1895  
Modesto Brocos  
Óleo sobre tela, c.i.d.  
166,00 cm x 199,00 cm  
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural



Thaís Araújo, Seu Jorge e Alfred Enoch compõem o elenco do filme *Medida Provisória*, de Lázaro Ramos.  
Fonte: Rolling Stones

Voltando ao longa, no seu desenrolar vem à tona a desmistificação da harmonia racial que acredita-se existir no país. O racismo e a falta de representatividade na política são sentidos em todos os âmbitos da sociedade. Os negros são os que mais sofrem com o desemprego, por exemplo. Em 2019, a taxa de desocupação entre negros foi de 13%; já entre os brancos, 9%. Entre os brasileiros que vivem na extrema pobreza, 3,4% são brancos. O índice passa

para 14,7% entre pretos e pardos. O cenário reflete-se também na moradia. No país, mais de 31 milhões vivem em habitações precárias. Nestas condições, 13,5 milhões são brancos. Nesse contexto, reparação histórica não se faz “devolvendo” os negros ao continente africano, mas com ações afirmativas, como as cotas raciais, que são de grande importância para o combate ao racismo estrutural. A trama encanta porque tem gente preta

vivendo, gente preta amando e exercendo profissões de prestígio social, distanciando-se assim do lugar ocupado nos cinemas por muito tempo de crime, tráfico e submissão, fato de grande importância para quebra de estigmas sociais construídos. Quem fica responsável pela trilha sonora é Rincon Sapiência, que faz Thaís Araújo dançar ao som de Elza Soares e embala o elenco (de peso) majoritariamente preto - medida essa que carece ser perdurável.

# CONVENIÊNCIA OU ABERTURA?

UMA REFLEXÃO ACERCA DA  
REPRESENTATIVIDADE NO CINEMA



## Por Mateus Bitarães

Não sei se já reparou, mas muitas pessoas passam minutos, senão horas, assistindo a uma série. Outras, lendo sobre seu personagem favorito de uma animação que, modéstia à parte, é a melhor que existe. Ou mesmo acompanhando nas redes sociais as discussões da cena do mais novo clichê romântico. Esses exemplos nos mostram o quanto importante é o cinema para nós e como usamos o que é produzido nas nossas vivências cotidianas.

Nos dias de hoje, estamos imersos em uma cultura de consumo excessivo, em ambientes onde as informações e as interações são instantâneas, e em uma anestesia fruto da inteligência do capital. Consequentemente, nem sempre temos tempo para refletir, discutir ou perceber certas nuances no que consumimos. Isso é refletido em diversas esferas da sociedade, de forma que nos tornamos passivos às informações recebidas.

Um desses reflexos se dá no encontro entre o cinema e a representatividade. Não à toa, há diversas obras em que a principal crítica está justamente na falta ou na abundância de representatividade, seja na frente ou atrás das câmeras. Mas a realidade é simples: a grande magia do cinema tem seus obstáculos e não consegue trazer representação para toda a produção. Assim, nossa passividade está em uma não reação à forma como assistimos os conteúdos cinematográficos; está em não agir sobre o filme, em não questioná-lo, em não buscar saber quem o produziu, em não perguntar o porquê. Está em aceitar o que nos dão — e apenas isso. À vista disso, dificilmente você assistirá a um filme dirigido por uma pessoa autóctone ou com um quadro de atores formados, exclusivamente, por pretos ou pessoas com deficiência (PcD). Isso decorre, ao menos no Brasil, da hegemonia

hollywoodiana e de um histórico de paíscolônia. Engolimos, como escreveu Eliane Brum em *Meus Desacontecimentos*, “enlatados americanos”. E o que isso significa? Significa que crescemos assistindo produtos de uma outra cultura e, sem que saibamos, ela nos é imposta; que crescemos amando o que é estrangeiro, pois lá fora que é bom.

Um ponto importante de destacar, para nossa alegria, é que a falta de representatividade de antes tem sido, de certa forma, recompensada agora. Vemos diversos filmes sendo lançados com cada vez mais representatividade no elenco e na equipe. São retratadas vivências de pessoas pretas, idosas, mulheres, LGBTQIA+, asiáticas etc, tantas formas de ser e de viver que as possibilidades são infinitas. Essa abertura torna possível que outras histórias sejam contadas, que tomemos conhecimento de suas existências. Por

isso a necessidade de uma equipe e de um elenco diverso: torna-se possível que o outro conte sua história, e não que alguém a conte em seu lugar.

Entretanto, como abordado no artigo de Sarah Rabelo, essa abertura não deve ser vista com ingenuidade, ela deve ser vista com olhos abertos e atentos para entender o que está acontecendo, o que está por trás da aparente boa ação. Assim, entramos num ponto delicado, seria abertura ou conveniência filmes cada vez mais diversos?

Independente de qual for a resposta, temos nossa cota nisso e a mudança virá de nós. Procurar filmes de produtores independentes, de regiões periféricas e de diretores que fazem parte de uma minoria já é algo. Isso, todavia, não significa deixar de assistir a conteúdos hegemônicos e de produtoras consolidadas, mas voltar os olhos àqueles que são rejeitados e esquecidos.



## CULINÁRIA, NARRATIVAS E MINORIAS ÉTNICAS NA DISNEY



### Por Pedro Sena

Um fato indiscutível para os apreciadores da 7ª arte dessa década é o crescimento explosivo da representatividade de minorias em produções audiovisuais, especialmente em animações. Um campo que antes era bombardeado por acusações conservadoras da crítica, principalmente quanto às intenções doutrinárias de cineastas progressistas diabólicos, atualmente se vê com uma inevitável pluralização das animações quanto a presença de minorias políticas, sociais e raciais. Hoje especificamente, quero levar vocês a pensar e refletir sobre as estratégias que alguns desses filmes têm usado para trazer identificação e representatividade desses grupos nas telonas, levando em consideração algumas das últimas produções animadas da Disney.

Elogiar a Disney quanto inclusão e representatividade costuma ser um assunto difícil, se levarmos em conta, por exemplo, que todos os protagonistas negros da empresa são representados de forma animalésca e fantástica no intuito de desviar o foco da suas etnias, sendo complicado apontar pontos positivos nesse quesito – mas isso é conversa para outra edição da nossa revista.



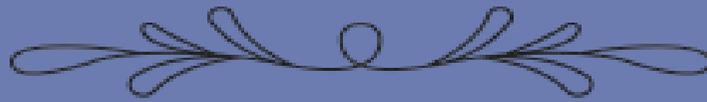
Tiana servindo tostadas.  
(Retirada do filme "A Princesa e o Sapo")

Fato é que se tornou impossível apagar o esforço que a empresa vem tendo nos últimos filmes para de alguma maneira trazer um ar mais familiar aos espectadores por meio da culinária.

É possível perceber já uma certa inclinação à essa prática nos anos 2000. Em "A Princesa e o Sapo", por exemplo, vemos uma clara influência e representação da cultura negra crioula da Luisiana no roteiro do filme, onde as famosas tostadas – conhecidas popularmente como "Beignets" – da protagonista Tiana, se apresentam como elo entre toda a comunidade representada no filme e as memórias do seu falecido pai.

Contudo, essa foi uma tentativa isolada, já que nos anos seguintes quase não existiu o uso desse recurso narrativo nas animações.





A culinária enquanto estratégia de espelhamento só foi atingir seu merecido reconhecimento nas produções da Disney nos últimos anos, com os recentes lançamentos de “Encanto” e “Turning Red”. Com isso, as redes sociais se encheram de receitas de tradições que antes eram extremamente invisibilizadas pela mídia hegemônica. Em “Encanto” a queridinha da vez foi a empanada, salgado a base de trigo extremamente popular entre os nossos vizinhos da América Latina.

No filme em específico, ela foi representada em sua versão colombiana, nacionalidade onde se passa a narrativa.

Já em “Turning Red”, o Bao Bun, “pãozinho” cozido a vapor de origem chinesa, acompanha a maioria das cenas em que a família da protagonista Mei Lee está presente.



Julieta distribuindo pratos típicos colombianos à população da cidade. (Retirada do filme “Encanto”).



Mei Lee tendo seus pãezinhos avaliados por seu pai. (Retirada do filme “Turning Red”).

Entre esses dois filmes podemos traçar alguns paralelos que quando levados à análise nos revelam o motivo dessas escolhas. Os dois filmes tratam de relações familiares fora do modelo europeu e usam a culinária tradicional como recurso semiótico para fortalecer essa imagem familiar. Isso explica, em partes, tamanho sucesso e carinho que o público tem em relação a esses filmes, principalmente o público brasileiro.

Vale ressaltar que especificamente para nós, latino-americanos, ver culturas invisibilizadas tendo espaço na mídia para representar suas tradições se torna um alento e uma esperança (mesmo que de forma inconsciente) de que futuramente nossos protagonistas estarão correndo na vendinha da esquina atrás do leite condensado pro brigadeiro.

Tendo dito tudo isso, deixo uma rápida sugestão: Suspeite sempre dos desenhos que te cativam, dependendo basta apenas um olhar cuidadoso no prato dos seus personagens favoritos para entender que se ganha um espectador não só pelos olhos e ouvidos... às vezes o estômago fala mais alto.



Ganhador do  
Oscar de Melhor  
Animação  
em 2008

Foto - Reprodução Internet

## Por trás da animação: Como as comidas de “Ratatouille” foram produzidas

Por *Letícia Guimarães*

O longa-metragem americano *Ratatouille*, produzido pela Pixar, é uma das animações mais famosas e queridas, não é atoa que além de receber inúmeros prêmios ganhou o Oscar de Melhor Animação, em 2008. Durante todo o filme, uma coisa se destaca das demais trazendo toda a magia ao enredo: a comida.

Uma das maiores preocupações e desafios dos produtores foi a estética da comida, como os alimentos e pratos estavam apresentados, já que uma comida pouco atraente afetaria toda a experiência do público e o objetivo do filme também. Sharon Callah, diretora de fotografia, foi a pessoa responsável pelo visual do filme e para desenvolver a comida, ela usou como referência algumas fotografias para criar digitalmente suas imagens. Callah conseguiu transformar a comida digital em apetitosa, bonita, saudável, que transmite sensações reais de prazer ao telespectador, o que foi o pontapé para o desenvolvimento pleno da produção. “ (...) trazia aqueles elementos que diziam: Uau!. Parece suculento, comestível e tinha um brilho e translucidez”, afirmou Dylan Brown, supervisor de animação do filme.

A equipe do longa teve que consultar diversos chefs gastronômicos, além de participar de aulas de culinária por anos em São Francisco-EUA. Um dos nomes mais marcantes foi o chef de cozinha Thomas Keller, que ajudou no desenvolvimento dos alimentos. O chef abriu a porta de seu restaurante como objeto de pesquisa e estudo, sendo um consultor para essas questões. Todos os detalhes foram muito bem pensados, por exemplo, a apresentação do ratatouille foi alterada por Keller, para dar protagonismo ao prato que dá nome ao filme. Mas apesar de todo esse zelo, os produtores não queriam uma comida muito realista, porque poderia distrair ou se destacar na animação, o que não era o objetivo. Segundo a Pixar, a animação dos alimentos foi baseada em três pilares: suavidade, reflexão e saturação.



**real**



**filme**



***Ratatouille  
do Ana  
Maria Brogui***

Quer aprender a fazer um Ratatouille que nem o do filme? Então escaneie o QR Code para ir direto para o canal do Ana Maria Brogui, onde ele recria esse prato delicioso!

# ENTREVISTA COM: ANA PAULA CARDOSO

“ O que me constitui é a minha maternidade e a minha vida no audiovisual, a minha vida fazendo cinema. Eu acho que é isso, Ana Paula Cardoso é composta disso, sabe? ”

Design: Freepik

● REC

HD 4K 25FPS  40%



Foto: Reprodução Internet



Cenógrafa de formação, Ana Paula Cardoso é formada na Escola de Belas Artes na Federal do Rio de Janeiro e trabalha com cinema há 30 anos. Era bailarina do Teatro Municipal quando prestou o vestibular para cenografia. Também foi professora durante sete anos da AIC - Academia Internacional de Cinema do Rio. É responsável pela direção de arte dos longas A FEBRE de Maya Da-Rin (2020), DESLEMBRO de Flavia Castro (2019) – indicada ao Prêmio ABC 2020 de Melhor Direção de Arte; e de séries como Detetives do Prédio Azul, da Globo.

**AMPLIE:** Quando a gente vê um filme, a gente sabe que existe muito mais trabalho nos bastidores do que a gente vê na tela. Então, primeiramente, pra poder contextualizar para os nossos leitores, a gente gostaria de saber qual o papel da direção de arte em um filme.

**ANA PAULA:** Existe um tripé criativo, que já surge desde a escritura do roteiro, e seu trabalho está absolutamente focado na imagem, que é a direção, a direção de fotografia e a direção de arte. Muitas vezes o roteiro é escrito pelo próprio diretor, isso acontece muito nos trabalhos autorais, né...nos filmes cujo cunho tem interesse mais na produção e não na comercialização.

Então o papel do diretor de arte é trazer para esse universo, buscar, pesquisar não apenas imagens, mas também motivações que ajudem a criar esse universo visual. De que forma aquele universo

pode estar sendo contado através da imagem? É dar autonomia pro espectador para que ele possa ver além da imagem e para que ele possa sentir também, para que ele possa ter as sensações e poder fazer com que a experiência de entrar numa sala de cinema ou até, enfim, vendo através do seu computador ou qualquer outra tela faça com que aquilo vire de fato uma experiência e não um ato de ver um filme simplesmente.

**A: A gente ainda está vivendo um tempo de pandemia, mas a gente já passou por um período ainda mais complicado, com a suspensão de atividades em grupo e várias restrições. Como foi a adaptação da sua profissão e do cinema durante esse período?**

**AP:** Não só a minha profissão, acho que toda a cultura nesse momento ficou muito complicada. Então, enquanto sobrevivíamos à pandemia e à incerteza do que

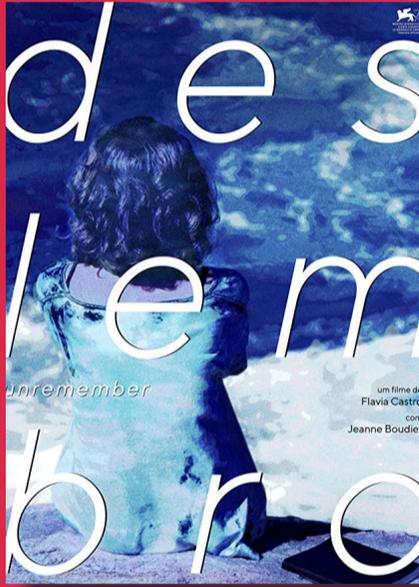
aconteceria conosco, alguns projetos aconteceram na sua criação, na sua composição. E foi assim que nós fizemos, na pandemia a gente elaborou.

Então, criamos um coletivo de diretoras, mulheres de arte. Chama-se Bra.da, coletivo de mulheres diretoras de arte do Brasil. É um movimento que a gente se reúne semanalmente para discutir uma série de coisas, reivindicar [direitos] e fazer troca entre diretoras de arte. Então, eu acho assim, a gente reinventou um jeito de fazer cinema, que era de urgência, porque havia um formato muito engessado de trabalhar audiovisual. Então, para além de trabalhar de uma maneira possível em pandemia de forma remota, a gente também aproveitou para se unir e se juntar em temas e em movimentos que sempre nos foram muito caros, mas a gente nunca teve muito tempo para isso.

A Febre. Imagem: Reprodução Divulgação



Destembro. Imagem: Reprodução Divulgação



Detetives do Prédio Azul. Imagem: Reprodução Divulgação



**A:** Como você está participando do movimento Bra.da, queria saber se você acredita que o cinema caminha para uma igualdade de gênero, nos bastidores.

**AP:** Então, ele caminha por conta de muita luta. O cinema inicialmente sempre aconteceu em torno da figura masculina. Por conta das funções que eram ocupadas pelos homens. O departamento de arte, sobretudo, que é um departamento muito feminino, sempre foi um departamento em que, enfim... sempre foi difícil da gente se colocar enquanto co-criadores de cinematografia. Então, a gente sentiu a necessidade de se masculinizar para poder ter respeito. Ainda hoje é muito complexo. A gente lida com equipe basicamente masculina, diria que isso vem mudando, mas, enfim, pelo menos 60%, 70% de uma equipe é masculina, branca. Então eu acho que há algumas desigualdades que precisam de bastante cuidado e, também, de movimentos de conscientização, movimentos de luta, para que a gente possa conquistar os lugares que podemos exercer. Não é uma luta para ganhar poder. Não. É uma luta para ganhar reconhecimento de todo o valor que o nosso trabalho tem diante dos projetos e dos filmes.





**A:** Falando então de um trabalho específico seu. “A Febre” conta a história de uma família indígena de etnia desano e é um filme bastante intimista. Como você, como mulher branca, trabalhou para conseguir criar essa intimidade que o filme precisava?

**AP:** É uma pergunta muito pertinente, porque de fato eu sou uma mulher branca que nunca havia ido à Amazônia, nunca tinha entrado em contato com os indígenas e com nossos povos originários. E a Maya [Da-Rin] me chamou pra fazer esse filme, mas ela me chamou por uma confiança que ela tinha da parceria e

da possibilidade de um caminho que pudéssemos chegar, mas visto isso eu me coloquei por diversas vezes na dúvida: “Maya será que eu sou de fato essa pessoa que deveria estar fazendo esse filme?”. Jamais tentei me colocar no lugar [do povo indígena] porque eu não sou esse lugar né. Esse filme foi feito coletivamente, sobretudo a arte. As pessoas com

quem eu trabalhei foram absolutamente essenciais porque tinham de alguma forma uma vivência – ou era filho de indígena ou era de família indígena ou já tinha vivido de alguma forma aquela experiência. Então foi dessa forma que a gente tentou trabalhar, num lugar de aproximação mas jamais um lugar de apropriação porque isso nunca seria possível, né?

A Febre - Fonte: Divulgação

**A:** Tem uma aba do seu site com os trabalhos da série “Detetives do Prédio Azul”, que é uma produção infanto juvenil que difere muito dos outros trabalhos, tanto pelo público quanto pelo estilo. Você sente que tem muita diferença na direção de arte e na produção de um produto mais voltado para o infanto-juvenil de um produto mais adulto e uma coisa mais intimista como “A Febre”, por exemplo?

**AP:** Então, há um abismo entre esses projetos, mas eu... enfim, a gente tem humanidades, né?! E aí, muitas coisas estão por trás das nossas escolhas. O convite para o DPA [Detetives do Prédio Azul] veio em um momento que eu estava fazendo filmes autorais, filmes mais independentes de uma comercialização e tal, portanto, nos dá mais autonomia em termos de criação, mas naquele momento...eu sou mãe. Naquele momento me pareceu muito importante eu criar para – não para a minha filha – mas criar para as crianças. Ali, a minha inspiração era a maternidade. Na primeira temporada, minha filha tinha quatro anos e era o público [da série], e ela foi crescendo e eu fui permanecendo no DPA. Quando eu achei que toda vivência com a moçada já tinha dado prazer a todos – a mim e a eles – foi a hora [de sair].

“A gente está num momento que precisamos estar muito atentos. Mas precisamos continuar fazendo os nossos filmes”

A Febre. Foto: Reprodução Divulgação



Detetives do Prédio Azul. Foto: Reprodução Divulgação

# Venham!

# Venham!

# Venham!

# Venham!

# Venham!

# Venham!

**A: Você mencionou também que são vários projetos com produtores, diretores nacionais, e você trabalha muito com cinema mais independente, menos comercial. Quais são os maiores desafios do cinema nacional e principalmente do cinema independente?**

**AP:** Bom, atualmente, as nossas leis né? O espaço conquistado que insistem em nos tirar. O cinema independente ele fala – com muita independência, muita possibilidade de autonomia – sobre a nossa cultura, sobre um Brasil profundo, sobre o que nos constitui enquanto pertencentes de uma nação. Estamos em um momento muito delicado. A gente tá precisando muito também garantir a não precarização do nosso próprio trabalho. Com todos os nossos direitos e leis sendo completamente atacados, as leis de incentivo e tudo o que foi conquistado até então. A gente está num momento que precisamos estar muito atentos. Mas precisamos continuar fazendo os nossos

filmes, com coproduções ou, inclusive, com as plataformas, com os “players”, mas tentando garantir que os projetos possam ser autônomos, na sua constituição, na sua criação. O que não é nada fácil...

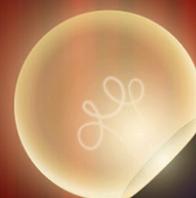
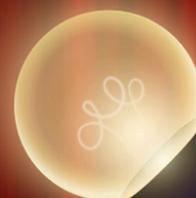
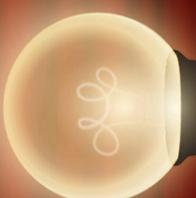
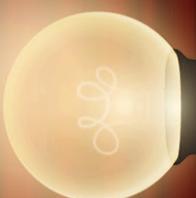
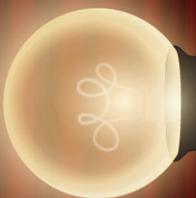
**A: E, para finalizar, que conselho você daria para alguém que tem interesse em trabalhar com direção de arte ou no cinema em geral com qualquer etapa da produção?**

**AP:** Bem... é um lugar que é muito sedutor, é um lugar que é muito incrível. Eu acho que o cinema me mostrou muito mais o que é vida do que a minha própria experiência de vida. A quantidade de espaços que eu ocupei, não físicos, mas espaços afetivos, subjetivos que eu busquei ocupar em todos esses filmes que eu fiz, é o que me constitui. Então isso é de uma grandeza, de uma riqueza. Então um conselho, não sei se eu daria um conselho, por que quem sou eu pra dar conselho? Mas eu faria um convite: venham. Porque os espaços que nossos corpos ocupam,

a relação que nossos corpos fazem com cada espaço ocupado é de uma riqueza sem dimensão. Eu acho foda. Eu acho incrível.

Amo fazer cinema. Embora ele tire minha saúde, embora ele me tire de perto da minha família, embora tudo isso. Mas justamente por isso ele é tão intenso na vida. Eu acho que esse não seria um conselho, mas seria um convite. Venham! (risada).









Antônio Dos Santos

# CONTA

# PRA

# GENTE!



**Pedro José**  
**@pedro\_didico**



**Juliana Dias**  
**@julianadialmeida**

<a href="https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/vista-de-cima">Vista de cima foto criado por freepik - br.freepik.com</a>



Eu sempre fui apaixonado por filmes, no geral, mas a experiência de ir ao cinema é um outro patamar. Não é só pelo filme, é o cheirinho de pipoca amanteigada no ar, o murmúrio de diversas pessoas criando teorias e expectativas e até mesmo os estalos de beijo de um casal lá no fundo da sala, tudo isso também faz parte do maravilhoso mundo do cinema.

Um dia, “em uma galáxia tão tão distante”, que me marcou para sempre, foi na minha infância, quando conheci uma série de filmes que me deixava boquiaberto, eu não tinha amigos que também gostavam, mas, vez ou outra, havia um pessoal mais velho que conhecia a saga que eu tanto amava: Star Wars.

Em dezembro de 2015, a saga voltou às telonas e eu não perdi tempo para garantir meu ingresso, comprei logo para as três sessões do dia de estréia: à tarde, no início da noite e na quase madrugada. Nunca esquecerei do dia 17 de dezembro de 2015, o dia em que vivi o cinema, assisti 3 sessões e me apaixonei pela vivência da cinematografia em todas, entre cada uma delas, uma apresentação de uma orquestra local reproduzindo a trilha sonora clássica, com sabres de luz nos violinos e roupas típicas. A ressurreição das histórias e personagens de Star Wars que assistia quando era criança sendo apresentada no telão de uma forma tão exímia, com bons efeitos especiais e uma história cativante me transformaram de vez em um fã assíduo e amante da sétima arte.

Desde muito pequena sempre fui apaixonada pelos filmes de terror. Talvez esse gosto surgiu por conta do hábito que minha mãe sempre tinha de comprar DVDs piratas desse gênero na feira e assistir na sala com minha irmã e eu. Um dos filmes que mais me marcaram nesse sentido, certamente, foi “O Grito” 1 e 2, que nós já assistimos repetidamente. Na minha cabeça de criança, era uma história muito empolgante de dar calafrios, que, inclusive, já protagonizou várias brincadeiras com as crianças da rua em que eu morava, assim como as histórias que eu gostava de inventar para minhas primas mais novas, sempre com o mesmo tema da maldição que Kayako sofre no filme.

Certa vez, durante um churrasco em família, no terraço da minha tia, eu, minhas primas e alguns amigos estávamos no andar de baixo brincando e conversando, porque sempre preferíamos ficar em um lugar mais afastado da agitação da festa. Até que em determinado momento tivemos a ideia brilhante de brincar de contar histórias de terror, e como já é de se esperar, eu precisava contar a história da maldição de Kayako.

Todo mundo estava super atento, prestando atenção na história e morrendo de medo. Foi então que eu pensei em assustar ainda mais a prima mais nova de todas, Ana Giulia, dizendo que ela seria a próxima a sofrer com a maldição. Mas foi no exato momento em que eu disse “A Kayako está em você!” que a energia da rua toda caiu, e todas as luzes da casa se apagaram.

Todos nós começamos a rir muito, mas a pequena Ana Giulia começou a chorar desesperadamente e saiu correndo para o terraço, procurando a mãe dela. Apesar da bronca que eu levei de sua mãe, essa história marcou muito todas nós até hoje, pois sempre quando lembramos dela, sentimos aquela nostalgia e damos muitas risadas.

## Transcrição de um relato oral:



**Luzia de Paula**  
**81 anos**

Eu tinha uns 12 ou 13 anos nessa época. A gente ia passear em São Sebastião da Vargem Alegre, que todo mundo chamava de Caatinga, e abriu um cinema lá.

Ninguém sabia o que era cinema naquele tempo, *tudo bobo*. Mas eu não tinha dinheiro, né? Aí o João, primo da minha mãe, a gente ia pra casa dele, ele pagava pra mim. A primeira vez que eu fui, eu cheguei lá, e a minha colega que morava lá, a Lindaura, falou “tem um cinema ali agora, vamos lá *pra noó ver* como que é?” A gente não sabia o que era não, era igual televisão, assim, chegava lá, *tava aqueles homens* da cara grande falando grosso. *Nós tava* vendo coisa estranha na vida...

Ah, não tinha pipoca, não! Não tinha nada. Ia lá *uns bobão* lá, o povo tudo bobo; ia, *ficava tudo doido*, nunca tinha visto na vida. A gente saía toda feliz lá de dentro. No outro dia não lembrava nada, só na hora que via. Acho que era escuro lá dentro, tem muito tempo já, eu não lembro mais, não.

O único cinema que eu fui, foi quando eu era menina. Depois nunca mais eu fui no cinema. Foi o primeiro e o último. Depois ele sumiu também, quase não tinha nada. Se eu fui duas vezes, foi muito. Uma vez com a minha amiga e uma vez com o meu irmão, a gente gostava era de brincar no parque, de balançar. Eu era boba, nem sabia o que era cinema...



**Felipe Costa**  
**@felipecr**

Eu gosto de Interestellar porque eu sempre curti filmes com temática de espaço e viagens espaciais, e também porque a relação de pai e filhos é muito bem estabelecida no filme, o que deixa a carga emocional muito forte, especialmente pelo plot final. O jeito que esse filme trabalha a relação entre o protagonista através do tempo é sensacional, e a passagem do tempo como um efeito colateral da viagem em que o pai escolheu fazer tem consequências pesadas para o relacionamento dele com a filha. Esse filme sempre me faz chorar em uma cena em que a filha do Cooper (pai astronauta) manda uma mensagem para ele, e ele percebe o ódio dela por se sentir abandonada por ele. A direção manda muito bem ali, você se sente em pedaços porque você sabe que o Cooper só está ali para que ela tenha um futuro próspero, e que ele a ama muito.

O diretor, que é o Christopher Nolan, consegue manter a tensão lá em cima nas cenas com mais ação; o roteiro é muito bom e a trilha sonora é memorável, o conjunto como um todo é brilhante. Interestellar é um dos filmes mais cientificamente corretos do cinema (com exceção do final que tira uma licença poética pra viajar um pouco), o que me atrai muito já que gosto dos conceitos da física. Ele vale muito a pena, tem amor, traição, drama, viagens espaciais, buracos negros e “viagens no tempo”, é um super combo da felicidade.

## **Vanderlei Aparecido Silva (QuartaLetra)** **Rapper fundador e integrante do grupo NvRap**



Quando comecei a me envolver com o “Hip-Hop”, comecei também a ouvir nomes de pessoas históricas que a escola sequer havia citado, e quando acontecia a citação, era de uma forma tão superficial, mas tão superficial, que nosso cérebro não tinha o tempo adequado para guardar tais informações. Nomes como Zumbi dos Palmares, Dandara, Chê Guevara, Malcom X, Martin Luther King, Nelson Mandela, Steve Biko, dentre muitos. Isso despertava em mim a curiosidade de saber quem eram essas pessoas, o que eles faziam e o porquê de serem pouco citados nas salas de aula. Os documentários me trouxeram todas essas informações.

São tão importantes para nós que eu não consigo ficar um dia sequer sem assistir um. Confesso que já assisti alguns bem ruins que, depois de estudar sobre o assunto, descobri que se tratavam de “falsos documentários”. Eles não eram ruins. Era só um estilo de fazê-los. Contar uma história que não aconteceu como se fosse real. Não existem documentários ruins, todos têm algo a nos ensinar.

É uma pena que a população em geral apenas usufrua deles de forma obrigatória, imposta. E olha que na atualidade eles estão bem mais acessíveis que antes. E a maioria deles de forma gratuita.

Assistam e aprendam com eles. E também ensinem por meio deles! Façam bom uso dos documentários.

# VOCÊ NO CONTROLE:

## produções interativas deixam o público escolher o destino da história

Filmes que mais se parecem videogames, e você é quem escolhe o destino dos personagens.

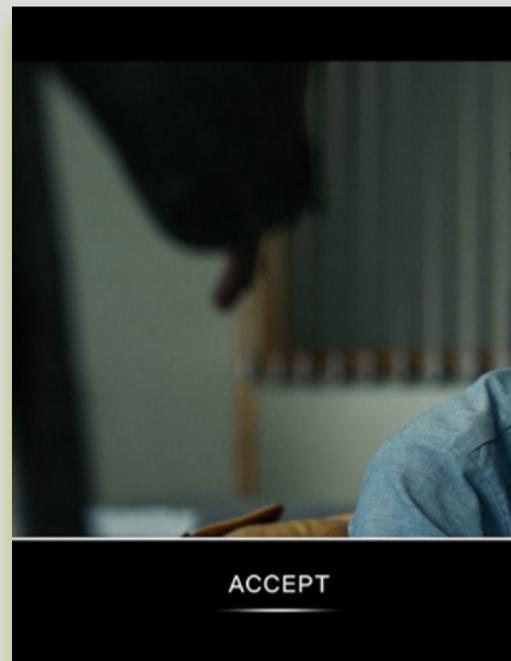
**Por Stéfany Peron**

Em 2018, o lançamento de *Bandersnatch*, continuação da série *Black Mirror*, da Netflix trouxe um novo formato de conteúdo para o *streaming*. Mas essa não é uma invenção do século XXI, o primeiro filme interativo da história foi *Kinoautomat: One man and his house*, uma comédia da Tchecoslováquia lançada em 1967. Durante a exibição, o público podia mudar a trajetória dos personagens em momentos chaves da trama votando através de botões verdes e vermelhos. A opção escolhida pela maioria definia o destino dos personagens.

Os dois filmes se assemelham muito a um jogo de videogame, o telespectador é convidado a fazer

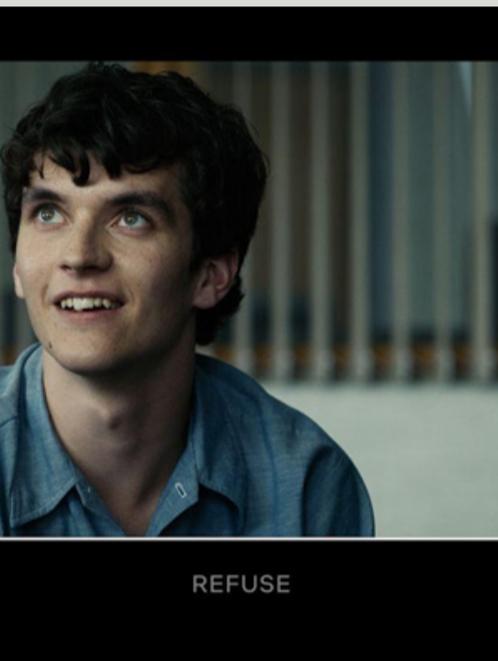
a escolha pelo personagem. Quando uma decisão precisa ser tomada, a imagem é congelada e duas opções aparecem na tela, com uma contagem regressiva. Caso nada seja selecionado, o filme segue um roteiro “padrão” até a próxima decisão. No momento, a Netflix é o serviço de *streaming* com maior quantidade e variedade de conteúdos interativos, entre filmes e séries, animações e *live actions*, de suspense, comédia e infantis. Mas HBO Max e YouTube também tem produções do tipo em seus catálogos.

No entanto, esse formato interativo ainda enfrenta alguns desafios para se popularizar. Nem todos os aparelhos são compatíveis com a tecnologia, o que impossibilita o consumidor de assistir



Cena do filme *Black Mirror*, *Bandersnatch* deve escolher se o protagonista aceita. Fonte: Escola Zion

ao filme em uma TV, computador ou mesmo em um celular mais antigo. Mesmo que em 2022, haja uma maior quantidade de aparelhos capazes de reproduzir as obras interativas, ainda assim, para muitos dos espectadores, assistir a um filme na tela do telefone celular prejudica a experiência de imersão na história.



...atch, da Netflix, em que o telespectador  
...a ou recusa uma proposta.

Outro detalhe que desagradava os consumidores é o fato de que a escolha de algumas opções faz o filme voltar para cenas anteriores, como em um *looping*, obrigando o espectador a refazer sua escolha, sabendo que deve clicar na outra alternativa. Essa experiência prejudica a interatividade do filme, já que gera a sensação de

que há escolhas certas e erradas, e que a história não está completamente sob seu controle.

Se você buscar o nome de qualquer obra interativa no Google, provavelmente vai ver vários artigos com títulos como “quantos finais tem?” ou “como desbloquear todos os finais?”, o que mostra a proximidade do filme com um videogame. Além disso, existem várias listas extraoficiais na internet com tutoriais que indicam quais opções escolher para se chegar a cada um dos finais da história.

Em Março de 2022, a Netflix anunciou que está produzindo sua primeira comédia romântica interativa. Segundo a plataforma de *streaming*, dessa vez é o espectador quem vai escolher com qual dos três pretendentes a mocinha fica no final,

acabando com aquela frustração de quem torce pro casal que não fica junto no fim.

O anúncio da produção e do elenco de “Choose Love”, “escolha amor”, em tradução livre gerou altas expectativas nos fãs, que já começaram a fazer suas apostas sobre o roteiro e o desfecho na internet. As gravações já começaram, mas o filme ainda não tem previsão de lançamento nem título em português.



Post da Netflix Brasil no Twitter anunciando a produção da primeira comédia romântica interativa da plataforma.

Fonte: Twitter

# PANDEMIAS E INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA CINEMATOGRAFICA

**A crise sanitária foi responsável por acelerar mudanças já esperadas no mercado de filmes e mobilizar as empresas cinematográficas em ajustes estratégicos**

*Por Felipe Azevedo*

A pandemia de covid-19 foi um fenômeno que motivou a rápida virtualização de serviços e produtos em diversos campos da sociedade. No setor cultural, um dos mais afetados, várias adaptações precisaram ser feitas para que as atividades não parassem completamente e também respeitassem as regras sanitárias necessárias. Diferente das atrações musicais e teatrais, que começaram a acontecer virtualmente como opção temporária, a experiência de assistir um filme já vem passando por transformações há muitos anos. Com monitores cada vez maiores e com melhores definições, plataformas de streaming recheadas de conteúdo e o conforto do lar, a necessidade de ficar em casa foi apenas mais um fator para a remodelação do mercado cinematográfico.

## **Filme além do cinema**

No início de 2020, a maioria das produções audiovisuais que estavam em fase de gravação anunciaram pausas nos trabalhos, motivadas pelo agravamento da pandemia. Mesmo após a diminuição de casos em alguns países, as distribuidoras tradicionais precisaram adiar os lançamentos por meses, já que o funcionamento das salas de cinema ainda era inviável.

Por outro lado, as plataformas de “streaming” só aumentaram o seu catálogo de filmes com distribuição exclusiva, o que refletiu no maior consumo. Segundo pesquisa da Kantar Ibope Media, 58% dos entrevistados consumiram mais conteúdo em streaming pago no período de isolamento. A Netflix foi a grande líder neste quesito, intensificando o número de lançamentos originais e mantendo a posição de maior opção da categoria.

## Filme como produto

Além de impactar as decisões de distribuição dos estúdios, o risco de transmissão do vírus fez o lucro advindo dos ingressos ser bem menor. Isso motivou a adoção de medidas como a disponibilização mista dos filmes, tanto nos cinemas quanto no “streaming”. Algumas empresas, como a HBO, adotaram a estratégia de lançar suas obras nas plataformas digitais gratuitamente para os assinantes pouco tempo após a estreia oficial. A Disney, por outro lado, foi além e ofereceu as opções de assistir aos lançamentos nas salas de cinema ou pagar uma taxa para ver em seu serviço próprio de “streaming”, o Disney+. Com esta decisão, veio o agravamento de um problema já recorrente: a pirataria. Segundo o site Deadline, é estimado que “Viúva Negra”, longa da Marvel Studios, perdeu cerca de US\$600 milhões com as distribuições ilegais. Não dá para afirmar o motivo exato deste fenômeno, mas a insatisfação dos usuários do Disney+ ao precisar desembolsar o valor de R\$69,90 para assistir ao lançamento foi perceptível e pode ter direcionado ao acesso pirata.

## Salas de exibição e futuro

As administradoras de cinemas físicos, responsáveis pela exibição dos filmes, também foram diretamente afetadas pela pandemia. Durante os períodos de alta nos casos de covid, não havia como reformular esse serviço estritamente presencial. Após as flexibilizações permitidas pela administração pública, o retorno das atividades foi gradual. Mesmo com a possibilidade de reabertura, o impacto foi inevitável. Em publicação, o jornal Folha de S. Paulo apontou o fechamento de cerca de 300 salas de exibição no

Brasil entre 2020 e 2021. Em 2022, o cenário teve uma leve melhora e os cinemas voltaram à ativa. A retomada total das operações é esperada, mas o fim das tendências que envolvem as plataformas de “streaming” nos lançamentos não. Se por um lado os estúdios sabem que a experiência da tela gigante e do gosto da pipoca amanteigada vai permanecer, por outro lado, não disponibilizar os conteúdos digitalmente é arriscado. Já as plataformas estão investindo pesado na qualidade das produções, entregando entretenimento no conforto de casa.

COVID-19

COVID-19

COVID-19

COVID-19

COVID-19

## A SALA DE CINEMA MAIS ANTIGA DO MUNDO



## O BRASIL NO OSCAR

*Por Carolina Alonso*

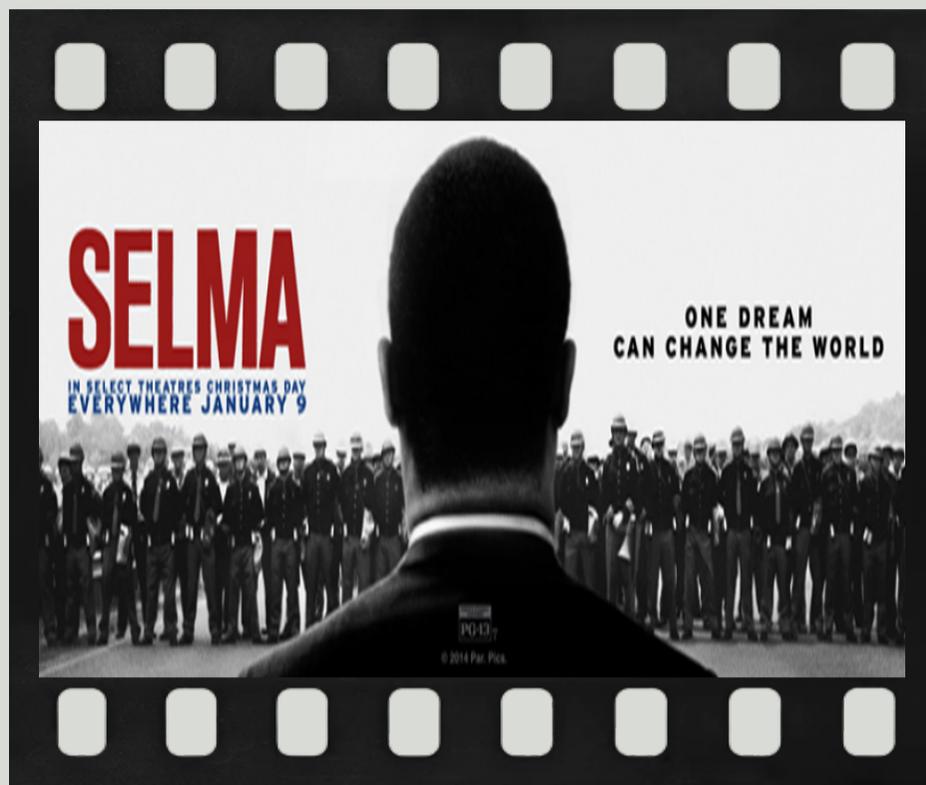
Foi na França, em La Ciotat – hoje conhecida como a capital do cinema francês, a 800 quilômetros de Paris - em 1889, que o primeiro cinema do mundo foi inaugurado, o Eden Theatre. Seis anos depois, se iniciaram as exibições de filmes. Os irmãos Louis e Auguste Lumière projetaram seu primeiro filme, que tinha apenas 50 segundos.

E, pasmem, o Eden Theatre ainda está aberto ao público! O ingresso custa entre 7,50 e 10 euros (R\$38,50 a R\$51,33) a inteira e é possível assistir tanto a filmes antigos quanto filmes desse ano, infantis e adultos. O Eden Theatre é para todos os gostos. Se um dia for à França, passe lá e prestigie!

O primeiro filme de produção totalmente brasileira a ser indicado ao Oscar foi “O Pagador de Promessas”, um drama de 1962 escrito e dirigido por Anselmo Duarte – que ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes pela mesma obra. Infelizmente, nunca um filme nacional foi premiado no Oscar, apenas coproduções em parceria com o Brasil, como William Hurt em “O Beijo da Mulher Aranha” na categoria de “melhor ator” e Jorge Drexler em “Diários de Motocicleta” na categoria de “melhor canção original”. Mas com tantos filmes bons e artistas incríveis, não custa nada sonhar, né?



## ELAS NA LINHA DE FRENTE: DOIS LONGAS DIRIGIDOS POR MULHERES QUE FIZERAM HISTÓRIA



“Que Horas Ela Volta” é dirigido por Anna Muylaert e protagonizado por Regina Casé (Val). Retrata brilhantemente a luta de classes diante da burguesia paulista, na qual uma empregada doméstica confronta os seus princípios – e seus patrões – quando sua filha nordestina vai para São Paulo prestar o vestibular. As atrizes coadjuvantes Karine Teles (Bárbara) e Camila Márdila (Jéssica) também tiveram destaque na atuação. Apenas um grupo de figuras femininas incríveis poderia conseguir captar sentimentos tão reais da natureza da maternidade e da luta contra o preconceito.

Triplamente revolucionário. Isso é o que se pode pensar ao assistir “Selma”.

Além de ser dirigido pela cineasta negra Ava Duvernay, o filme - que já foi indicado e venceu muitos prêmios cinematográficos - conta um período da trajetória de Martin Luther-King, mostrando a luta da população negra norte-americana contra a violência racial.

Destaca-se, no filme, a guerrilha pelo direito ao voto, conquistado em 1965 após uma série de marchas e mortes de ativistas negros por violência policial.



## A CULTURA E O CINEMA

# PARA ALÉM DE HOLLYWOOD

**Por Alice Sarmiento**

Se você pesquisar no Google neste exato momento a definição da palavra “cultura” o primeiro site que encontrará te dirá que ela é parte do que somos, que nela está o que regula nossa convivência e nossa comunicação em sociedade, além disso também se entende que cultura são todas as tradições que cercam uma sociedade.

Portanto, para entender melhor como viveram os povos antepassados, os historiadores estudam os hábitos,

consequentemente a cultura dessa população. Em 2022 não é necessário grandes esforços para entender de outras tradições, somos expostos a elas todos os dias, através de músicas, pinturas e cinema. Você pode nunca ter ido aos Estados Unidos, mas saber exatamente como funciona o ensino médio americano e todos os seus hábitos, desde o armário nos corredores até os famosos bailes de estação.

O cinema em especial tem essa grande função de abrir portas para conhecermos outras

culturas. Em 2020 o filme coreano “Parasita” do diretor Bong Joon-ho foi a primeira produção cinematográfica estrangeira, em 90 anos de premiação, a ganhar o Oscar de melhor filme, consequentemente fazendo com que as produções do país ganhassem mais visibilidade e despertasse o interesse do público pela cultura do povo coreano, que por sinal, investe cada vez mais nela.

O mesmo caso aconteceu com o filme brasileiro “Bacurau”, do diretor Kleber Mendonça

Posters dos filmes Parasita, de Bong Joon-ho, Bacurau e Aquarius, ambos de Kléber Mendonça Filho.

Fonte: Mubi e Adoro Cinema

Filho, que caiu nas graças do público e da crítica internacional, revelando que mesmo com o enorme descaso ao cinema nacional a cultura brasileira ainda resiste.

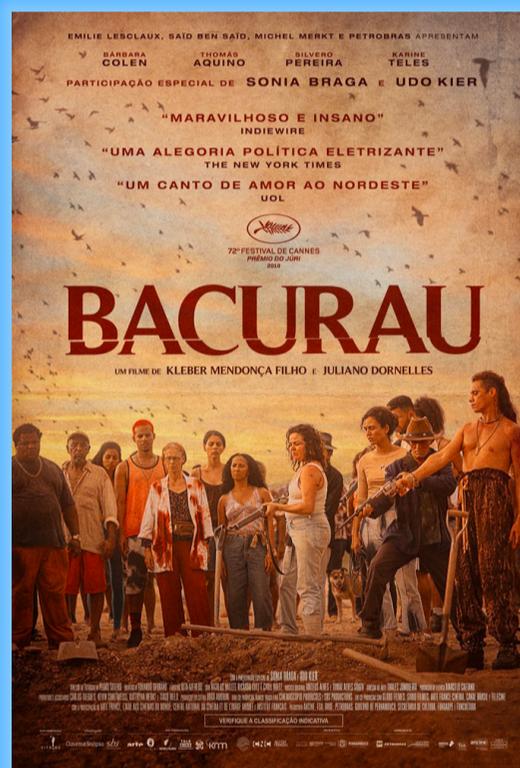
Apesar do sucesso de Bacurau e de vários outros filmes nacionais, como "Que horas ela volta?" e "Aquarius" o descaso com o cinema do país é escancarado. Em 2019 o governo Jair Bolsonaro cortou 47% do Fundo Audiovisual, o que nos leva a refletir sobre o potencial desperdiçado com a ausência de investimento.

O fato é que estamos tão acostumados com as representações americanas e europeias que muitas vezes torcemos o nariz para nossa própria cultura, para valorizar produções de Hollywood. Também

não é comum sabermos muitas informações sobre o que está acontecendo no cinema de países asiáticos e africanos porque no grande mercado somos expostos apenas ao padrão estadunidense.

Países como Nigéria, Índia e China produzem cerca de 1.200 filmes por ano, dos quais nenhum chega a um cinema popular e nem são disponibilizados em serviços de streaming.

A função do cinema na sociedade além de entreter também é denunciar, representar e educar. No entanto, quando nos prendemos a apenas uma pequena parte voltada a cultura de filmes Hollywoodianos, perdemos a pluralidade existente em outros trabalhos de incontáveis culturas.



Por Nara Rozado

## PRODUÇÕES BRASILEIRAS E O OSCAR NÃO COMBINAM?!

Esse casamento parece que nunca deu certo, não é mesmo? Ele nem se quer já existiu. Não são poucos os motivos que fazem o Brasil ter recebido poucas indicações ao Oscar e nunca ter ganhado a estatueta mais desejada do mundo. O baixo investimento na produção e na distribuição das obras, além do próprio sistema de escolha do prêmio são algumas razões que especialistas acreditam que fazem o Brasil nunca ter trazido um Oscar para casa.

O filme "Cidade de Deus" foi a produção brasileira que teve a maior quantidade de indicações ao Oscar. O longa-metragem participou em quatro categorias: "Diretor" (Fernando Meirelles), "Roteiro Adaptado" (Bráulio Mantovani), "Edição" (Daniel Rezende) e "Fotografia" (Cesár Charlone). Infelizmente, os brasileiros não conseguiram trazer nenhuma estatueta para casa, mas a importância desse reconhecimento vai além. O Brasil foi o pioneiro da América Latina a receber indicações ao Oscar e a atestar a qualidade e maestria que o cinema sul-americano tem.

## MAS CINEMA NÃO É SÓ OSCAR!

Apesar do Oscar ser o prêmio mais almejado por pessoas da área do cinema, ele não é o único importante. Existem diversas outras premiações de grande relevância ao redor do mundo, onde a sétima arte brasileira conseguiu o seu merecido reconhecimento.

O filme "Central do Brasil" (1988) é uma das produções mais premiadas no exterior de toda a história do país. Ele ganhou como "Melhor Filme Estrangeiro" em sete premiações mundiais e, também, na categoria "Melhor Atriz", com a ilustre Fernanda Montenegro, em seis eventos voltados para o cinema. Além disso, a obra cinematográfica trouxe prêmios no "Urso de Ouro" de "Melhor Filme", do Festival de Berlim e foi vencedor do prêmio "Audiência e Júri Jovem" do Festival de San Sebastian, na Espanha.



Imagem: Reprodução da Internet

## O BRASIL NAS TELAS

Não são só os baixos investimentos nas produções brasileiras que fazem os filmes brasileiros serem tão pouco reconhecidos. Outro fator importante na manutenção dessa arte é o consumo do público. Entretanto, não é novidade que os brasileiros não costumam assistir às produções cinematográficas do nosso país e preferem consumir filmes estrangeiros. Isso é facilmente comprovado por meio de dados da Agência Nacional do Cinema (Ancine). Em 2017, o público que assistiu a filmes estrangeiros ultrapassaram a marca de 160 milhões de telespectadores, enquanto os filmes nacionais não atingiram a marca de 20 milhões de pessoas.

Se pegarmos os dados entre os anos de 2009 e 2017 os números são ainda maiores. Os filmes internacionais ultrapassam a casa de 1 bilhão de telespectadores enquanto as obras brasileiras não chegam a 200 milhões de presentes nas salas de cinema. Entre os filmes nacionais mais assistidos no Brasil nos últimos anos, estão as obras do brilhante ator, humorista, diretor e roteirista Paulo Gustavo. O último filme lançado pelo artista foi responsável por dados históricos em sua estreia. “Minha Mãe é uma Peça 3” bateu o recorde do filme nacional com a maior arrecadação de bilheteria desde 1995, conseguindo a marca de R\$180 milhões e um público superior a 11 milhões de pessoas.

## COMO VÃO AS SALAS DE CINEMA NO BRASIL?

Por meio de uma análise feita pelo portal G1 utilizando como base os números do Observatório do Cinema e do Audiovisual, vinculado à Ancine e as estimativas populacionais do IBGE, podemos ter uma perspectiva sobre o cinema brasileiro e o acesso da população a essas salas. Segundo a pesquisa, a média de habitantes por sala de cinema chega a 65.169 mil. O estado que lidera o ranking com o maior número de salas de cinema é o estado de São Paulo com 1031 salas. Já o estado do Acre, tem apenas cinco

salas de cinema em todo o seu território. O que esses dados nos dizem é que o cinema não é democratizado de forma igualitária no nosso país. As salas de cinema estão presentes em 383 dos 5570 municípios brasileiros. Por meio da pesquisa é possível observar que na região norte e nordeste, a quantidade de salas de cinema são menores que nas outras regiões. Isso retrata como as regiões mais pobres do nosso país não têm acesso à cultura e não conseguem ocupar esses espaços que deveriam ser de fácil acesso a todos.

# AMPLIE INDICA

Seja quando nos deparávamos com a prateleira da locadora e ainda mais agora navegando pelos catálogos intermináveis dos streamings, escolher que filme assistir nunca foi uma tarefa fácil, mas calma que a Amplie está aqui para ajudar você com indicações de filmes e produções sobre o cinema.



## LIVRO

### Horror Noire: A História do Horror Negro (2019)

O cinema de horror por muitos anos reforçou estereótipos racistas, porém partindo de diretores como George A. Romero até nomes atuais como Jordan Peele muitas mudanças aconteceram na retratação de pessoas negras no gênero. Neste livro da editora DarkSide, a Dra. Robin R. Means Coleman a partir de uma extensa pesquisa trata dessa história revelando seus impactos sociais e culturais.

## DOCUMENTÁRIO



### Cinema Novo (2016)

O diretor Eryk Rocha, filho do cineasta Glauber Rocha, faz neste documentário um retrato íntimo do Cinema Novo, um movimento revolucionário que contou com grandes nomes como o seu próprio pai. Para todos os apaixonados por cinema brasileiro e principalmente para aqueles que desconhecem sua grandeza essa produção é essencial.

## PODCAST



### Segunda Mão (2021 -)

Você já notou situações problemáticas ao rever um filme que quando era mais novo parecia perfeito? Quem passou por isso sabe o quanto é ruim, mas fica tranquilo que neste podcast Jessica Correa e Thiago Guimarães tiram esse fardo de você. A dupla revisita filmes antigos e avalia se ainda vale a pena ou não revê-los.

TOTALMENTE ORIGINAL

# EVERYTHING EVERYWHERE ALL AT ONCE

97% No Rotten Tomatoes 2022

Em um ano cheio de adaptações, sequências e spin off; Tudo Em Todo O Lado Ao Mesmo Tempo (tradução literal) estreou sem todo aquele alvoroço das grandes franquias, mas logo surpreendeu positivamente o público e a crítica. Dirigido por Daniel Kwan e Daniel Scheinert, no longa Evelyn Wang (Michelle Yeoh) precisa encontrar com versões suas de mundos alternativos para impedir uma ameaça.

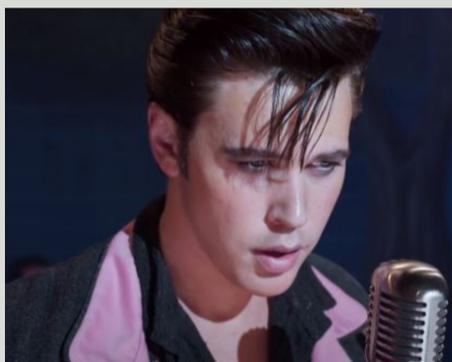


## Estreias de Julho



Thor: Amor e Trovão  
- dia 07

Ação/Aventura



Elvis  
- dia 14

Musical/Drama



Pluft, O Fantasma  
- dia 21

Infantil/Nacional



Aos Nossos Filhos  
- dia 28

Drama/Nacional

## Outras Estreias de 2022



Nope - 25 de Agosto  
Terror



A Hora do Vampiro -  
09 de Setembro  
Terror



Pantera Negra:  
Wakanda Forever -  
10 de Novembro  
Ação/Aventura



Avatar 2 - 15 de  
Dezembro  
Ação/Aventura

# EXPERIMENTE

<https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/silhueta-cidade>> Silhueta cidade vetor criado por rawpixel.com - br.freepik

# **Matérias:**

**Alice Sarmento**

**Felipe Azevedo**

**Letícia Guimarães**

**Luara Miranda**

**Maria Júlia Lizaldo**

**Mateus Bitarães**

**Nara Rozado**

**Pedro Sena**

**Stéfany Peron**

**Thaís Valentin de Albuquerque**

**Editora geral: Nara Rozado**

**Foto de capa: Imagem de Leonardo Alvarado por Pixabay**

**Diagramação: Antônio dos Santos, Carolina Alonso, Laura Tranin, Luara Miranda, Stéfany Peron**

**Revisão: Léo Gomes, Letícia Guimarães, Júlia Lourenço, Mayla Araújo, Pedro Sena, Vitória Regina**

**Marketing: Ana Kei Osera, Cládia Fernanda Aguiar, Giovana Leite, Maria Eduarda Melo, Victor Emanuel do Carmo**

AMPLIE

EDIÇÃO 2022 | Nº 04

---

CINEMA